

**COI-
LE-
ÇÃO**
EXPLICANDO
GÊNERO



**ONDE VOCÊ
ESCONDE SEU
RACISMO?**

Renata Porcellis

Kai Krause

Atena
Editora
Ano 2024

**ONDE VOCÊ
ESCONDE SEU
RACISMO?**

Renata Porcellis
Kai Krause

Consultora:
Kauane Ferreira Marques

2024 by Atena Editora

Editora chefe	Copyright © Atena Editora
Prof ^a Dr ^a Antonella Carvalho de Oliveira	Copyright do texto © 2024 As autoras
Editora executiva	Copyright da edição © 2024 Atena Editora
Natalia Oliveira	
Assistente editorial	Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelas autoras.
Flávia Roberta Barão	
Bibliotecária	Open access publication by Atena Editora
Janaina Ramos	



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva das autoras, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos as autoras, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Multidisciplinar

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof^a Dr^a Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Prof^a Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ficha Técnica

Título Original

Onde você esconde seu racismo?

Autoras

Renata Porcellis

Kai Krause

Consultora

Kauane Ferreira Marques

Revisão de Texto

Rafael Barbosa Porcellis da Silva

Projeto Gráfico e Capa

Bruno Cruz Candido

Ilustração

Gabriela Barcellos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P833 Porcellis, Renata
Onde você esconde seu racismo? / Renata Porcellis,
Kai Krause; Consultora Kauane Ferreira Marques. -
Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2774-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.742242207>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. 3. LGBTQI+.
4. Orientação sexual. 5. Racismo. I. Porcellis, Renata. II.
Krause, Kai. III. Marques, Kauane Ferreira (Consultora).
IV. Título.

CDD 306.766

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DAS AUTORAS

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O projeto “Visibilidade às diferenças na escola” desenvolvido pelo Fora da Caixa - Grupo de pesquisa em educação, gêneros e sexualidades do IFSul - Campus Pelotas, buscou abordar temáticas sobre gêneros, sexualidades, violências, estereótipos, questões étnico-raciais, gordofobia e vivências queer, que fogem das normas heterossexuais, brancas e masculinas.

Utilizando uma linguagem jovem e atual, voltada ao público adolescente na faixa etária entre 14 e 18 anos, tentamos desenvolver um texto atrativo para que a juventude consiga, de fato, apropriar-se dos conhecimentos compartilhados pelos dez livros produzidos, buscando a construção de relações mais empáticas, pautadas no reconhecimento das diferenças entre colegas, professores e gestores no ambiente escolar.

Na escolha das referências para a construção dos textos buscamos utilizar materiais produzidos em diferentes perspectivas visando a descolonização do conhecimento bem como o reconhecimento das vivências e experiências dos grupos oprimidos. Utilizamos, então, textos de teóricas mulheres, negras, gordas, latino-americanas e africanas, junto com referenciais europeus, brancos e masculinos.

O conteúdo dos livros é resultado de um projeto de pesquisa apoiado pela Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, através do EDITAL PROPESP-BOLSA/ IFSul - Nº 06/2018.

**CO
LE
ÇÃO**

**EXPLICANDO
GÊNERO**

**CO
LE
ÇÃO**

**EXPLICANDO
GÊNERO**

**QUAL É A
DIFERENÇA?**

**SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO
DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

**NO FINAL É
TUDO DRAG:**

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

**VOCÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO
PRA MIM!**

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

**NÃO É SÓ SOBRE
PINTOS E XOXOTAS**

TRANSGENERIDADES

**NÃO TEM CABIMENTO
ESSA TAL**

GORDOFOBIA

**ONDE VOCÊ
ESCONDE SEU**

RACISMO?

HOMO. SEXY. UAU!

TUDO SOBRE SER GAY!

BEM-VINDA AO BREJO!

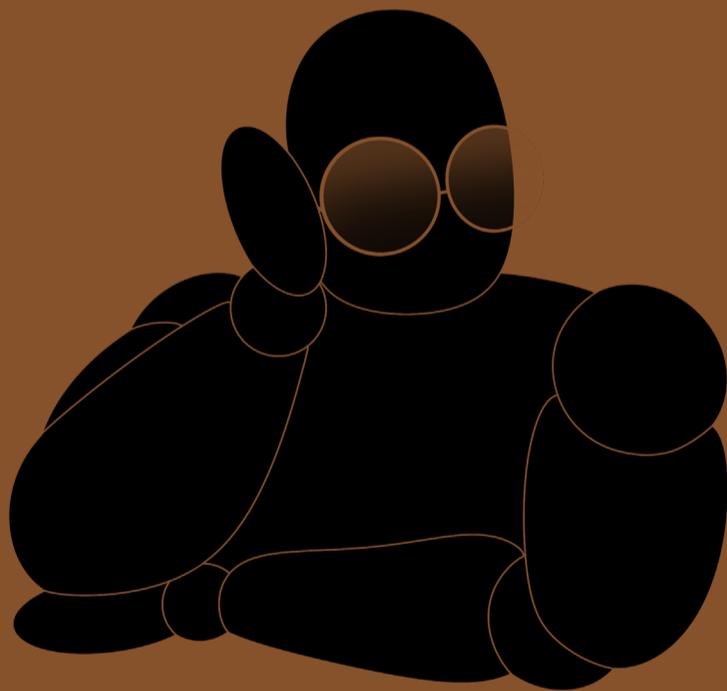
UTILIDADES SAPATÔNICAS

CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!

MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

VULVA,

**MUITO
PRAZER!**



1. PRA COMEÇO DE CONVERSA

Primeira vez ouvindo sobre? Não precisa ter pânico!

2. TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO

Se você não sabe o que é racismo, a gente te ajuda a entender.

3. NÃO ENTENDEU? A GENTE DESENHA

Porque argumentos com dados ficam mais fortes

4. CAÔ X FATO

É cada coisa, viu?!

5. BABADO FORTE

Racismo reverso e suas vítimas: ninguém

6. PRA NÃO DAR CLOSE ERRADO

Pra quem quer saber a hora de parar: agora

7. PRA COLAR NA PROVA

Pode anotar pra não esquecer!

8. PRA STALKEAR GERAL

Tá cansado do feed de sempre? Atualiza!

9. NÃO PEGOU A REFERÊNCIA?

Em ABNT fica tudo tão organizadinho!

ONDE VOCÊ ESCONDE SEU RACISMO?

1

**PRA COMEÇO DE
CONVERSA**

Primeira vez ouvindo sobre? Não precisa ter
pânico!

A gente sabe que você já ouviu falar, pelo menos uma vez na vida, sobre racismo. No Brasil, o racismo e a **injúria racial** são criminalizados por lei e polêmica é o que não falta. Todo dia alguém vai na internet gerar alguma treta envolvendo racismo e de vez em quando algum artista fala alguma coisa racista que acaba viralizando.

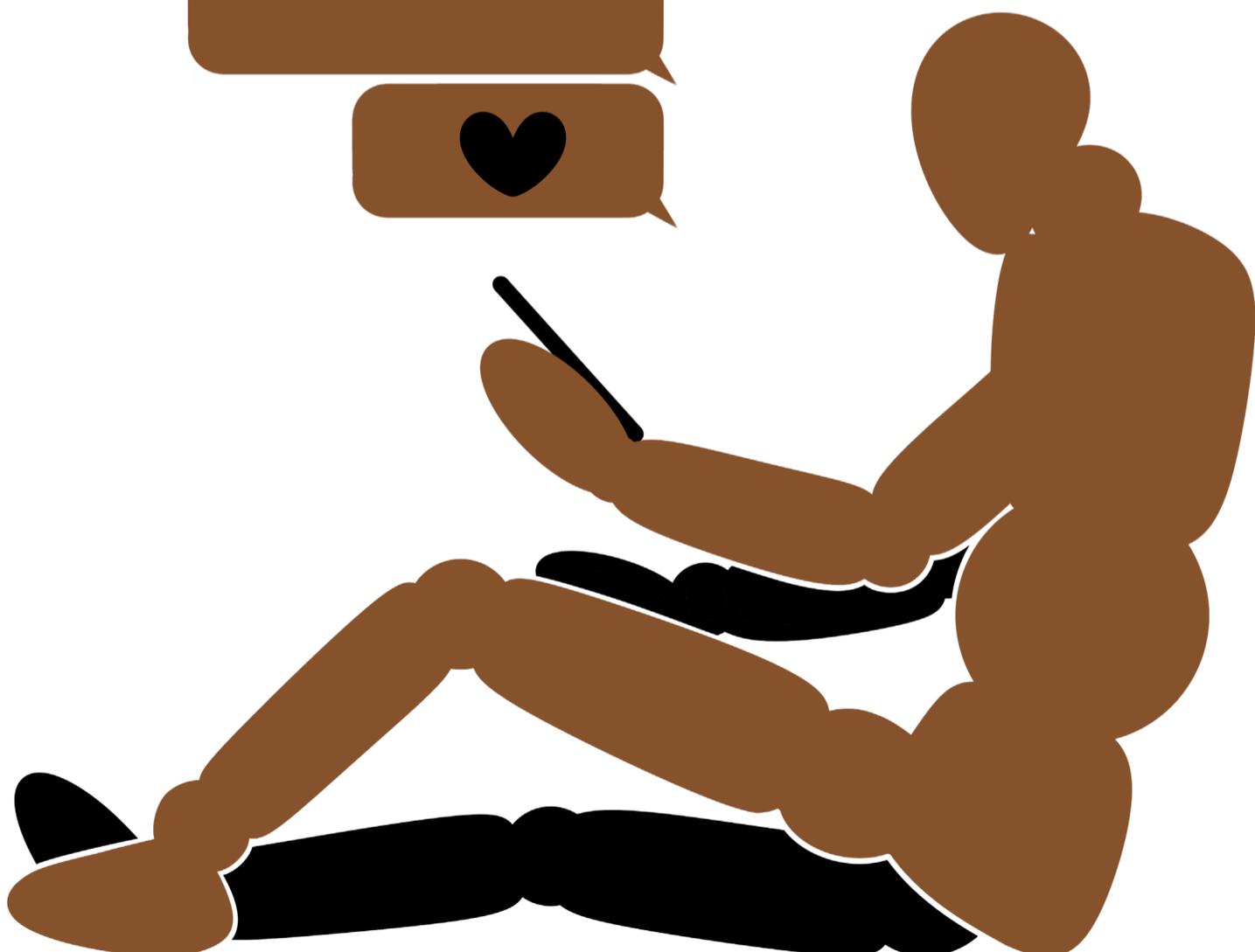
Mas, mesmo com o racismo sendo visto nas mídias todos os dias, você sabe o que é racismo? De que maneira se identifica uma atitude racista? Racismo é só xingar pessoas negras em função da cor da pele? Existe diferença entre racismo e **injúria racial**? O racismo não tinha acabado depois do fim da escravidão?

O racismo é um **preconceito estrutural** e está nas menores e maiores coisas do nosso dia a dia. O racismo tá na moda, na política, na liberdade religiosa, nas suas preferências musicais e nos seus gostos pessoais. Nossos heróis nacionais e a construção histórica do nosso país também são racistas.

As pessoas negras que chegaram no Brasil foram arrancadas da sua origem, tiveram sua história interrompida e sua cultura massacrada pela escravidão. Tiveram de sobreviver à fome, ao frio, aos estupros, às doenças, ao chicote e às torturas. Mas mesmo com toda a violência, as pessoas negras conseguiram resistir, praticando sua religião escondida, utilizando a capoeira para praticar a autodefesa, usando ervas e chás para curar as feridas.

Com o fim da escravidão a população negra foi jogada à margem da sociedade e vem sofrendo até hoje os efeitos de uma cultura racista. Mas como o racismo funciona nos dias de hoje, sem a escravidão e sem a segregação? A coisa ficou bem mais complexa e disfarçada, atitudes racistas viraram cotidiano na nossa falsa democracia racial e precisamos sempre estar atentos para fugir dessa cultura preconceituosa.

Mas calma, a gente tá aqui pra te ajudar a parar de reproduzir comportamentos e entender porque esses comportamentos são racistas. Então vamos começar do começo!



ONDE VOCÊ ESCONDE SEU RACISMO?

2

**TODA TRABALHADA
NA INFORMAÇÃO**

Se você não sabe o que é racismo, a gente te ajuda a entender.

DE ONDE VEM O RACISMO?

Mas afinal, de onde surgiu o termo “racismo”? Durante os processos de colonização era vantajoso dividir os humanos em “subespécies” para defender a superioridade de uma comunidade em relação à outra. Foi daí que se começou a falar em raça, para justificar a dominação europeia sobre os povos não-brancos.

Esse discurso começou com a religião católica e com textos da Bíblia, que justificavam a escravidão dos povos negros já que eles não possuíam alma. Esse período é chamado de **Racismo Teológico** e favoreceu a própria igreja católica que conseguiu afastar os povos africanos e indígenas de suas culturas para que temessem o castigo eterno de Deus caso desobedecessem a sua vontade.

A partir do século 18, médicos, advogados e biólogos brancos, dentro de renomadas universidades começaram a estudar o que eram os negros. Eles estavam dispostos a determinar cientificamente o que fazer com a população negra que agora não era mais escravizada e precisava de um lugar na sociedade. Essa fase é chamada de Racismo Científico e construiu várias teorias e estudos sobre os negros. A mais famosa foi o darwinismo social. Essa teoria defendia que haviam graus diferentes de evolução entre a espécie humana, que poderia ser dividida em subgrupos mais evoluídos (europeus) e menos evoluídos (negros e indígenas).

Essa teoria colocava características comportamentais definitivas nas raças como, por exemplo, classificar os negros como naturalmente menos inteligentes e mais propensos ao crime e à violência. Esses discursos influenciaram o legislativo e o judiciário que, no Brasil, criminalizaram manifestações de cultura negra como a capoeira e o samba, separaram festas e escolas para negros e proibiram a entrada dos negros em vários clubes e competições.

Hoje nós sabemos que as raças humanas não têm nenhum sentido biológico, que não existem diferenças comportamentais naturais entre negros, brancos, indígenas ou asiáticos. Inclusive criou-se o termo etnia, com sentido puramente social, para definir uma construção cultural, histórica, linguística, religiosa de uma determinada comunidade que divide origem e descendência comuns.

Mas, mesmo sem sentido biológico e mesmo com um termo novo, falar em raça ainda é relevante em uma cultura que ainda é racista! O termo raça recebeu tanta carga histórica que deixou de ser um termo biológico e se tornou sociológico. Tentar apagar o termo é como tentar ignorar todos os seus mais de 500 anos de história! Então, não vai sair por aí dizendo coisas como “raça não existe”, “quem tem raça é cachorro” ou “somos todos da mesma raça, a humana”. Enquanto a sociedade tratar de maneira diferente pessoas de raças ou etnias diferentes, o termo raça vai seguir tendo sentido sociológico, mesmo que você diga que não!



SE DESCOBRIR NEGRO



Afinal, o que é ser negro? Quais são os critérios para se considerar de alguma etnia? Quem são os avaliadores?

Ser negro é algo determinado de maneira cultural, de acordo com a comunidade onde a pessoa está inserida. É lógico que a questão do **fenótipo** não muda de cultura para cultura! Mas a forma da sociedade de lidar com as pessoas negras e a forma das pessoas negras de se comportar na sociedade é diferente dependendo do tempo e do lugar.

Nos Estados Unidos, por exemplo, uma pessoa com qualquer presença negra na árvore genealógica é considerada negra e vai sofrer o racismo americano. Já aqui no Brasil ser ou não ser negro não tem como critério apenas a questão genética, mas a fenotípica também. Ou seja, não basta apenas ter uma avó negra, é preciso também ter os cabelos crespos e/ou o nariz largo e/ou a pele escura e/ou a boca carnuda.

Infelizmente o maior meio de identificação da sua raça no Brasil é o racismo que você sofreu na sua vida. É isso mesmo. Até porque a sua raça é exatamente a forma como a sociedade te lê, logo, não há melhor avaliador que ela!

Por mais que algumas pessoas negras no Brasil possam ter vivido distantes da cultura negra, em meios embranquecidos, em algum momento de suas vidas alguém tenta “colocar essas pessoas no seu lugar”, mostrar que elas não pertencem àquele espaço. Porque o cabelo é “ruim, sujo e fedido”, porque a pele é “feia e muito escura”, porque o nariz é “feio e muito largo”, porque são negras. Há sempre algo de diferente em você no meio de pessoas brancas e elas até toleram você naquele espaço, mas ele não é seu.

Se descobrir negro é descobrir que a cor da sua pele faz diferença pro segurança do shopping, pro colega de escola,

pra diretora, pro seu crush, pra sua entrevista de emprego, pra viatura da polícia, pro empréstimo no banco...

Ser negro no Brasil é isso: a cor da sua pele faz diferença! Determina a maioria da população nos presídios e a minoria na faculdade, determina se você corre ou não o risco de ser “confundido” com um assaltante, se você é considerada bonita ou “exótica”, determina se você corre ou não o risco de levar um tiro de um policial que “se enganou” e se você faz parte das que mais morrem vítimas de feminicídio.

Se descobrir negro é descobrir que você sofre racismo no seu cotidiano. É carregar as estatísticas das mortes e violências. É ser excluído da sociedade branca caso você resolva dizer que descobriu que é negro.

Mas conte, grite, fale que você descobriu que é negro e que tem orgulho da sua luta. Talvez assim as pessoas brancas consigam “se descobrir brancas” e enxerguem que são racistas.

COLORISMO



Graças aos processos e políticas de branqueamento, 46,8% da população brasileira se autodeclara parda. Isso quer dizer que, aqui no Brasil, existem muitas pessoas de pele escura, mas com alguns **fenótipos** brancos e pessoas de pele mais clara, mas com fenótipos negros. Toda essa diversidade é realmente muito bonita, mas ela também carrega algumas problemáticas. Você já ouviu falar em colorismo?

Colorismo é o termo utilizado para falar das diferenças entre ser uma pessoa negra de pele mais escura ou mais clara em uma sociedade que vive o mito da democracia racial. Isso não significa dizer que pessoas negras de pele mais clara não sofrem racismo, mas sofrem de formas diferentes.

No Brasil, o racismo funciona através dos fenótipos. Quanto mais fenótipos negros você apresentar, quanto mais escura for sua pele e quanto mais crespo for o seu cabelo, mais forte vai ser o racismo que você vai sofrer. Os olhares serão mais escrachados, os seguranças vão seguir mais essas pessoas e elas podem até ser expulsas de determinados espaços enquanto pessoas de pele mais clara são toleradas ali dentro.

Mas as pessoas negras de pele clara seguem sofrendo racismo, afinal, são negras! Quando são chamadas de “mulato, moreninha, meio termo, café com leite”, já estão sofrendo racismo. Isso porque essas palavras servem para “disfarçar” o fato de essas pessoas serem negras! Como se chamá-las de negras fosse uma ofensa. Mas não, gente, elas são negras mesmo!

Por mais que negros de pele clara tenham mais acesso a alguns espaços brancos, eles não pertencem àqueles espaços e são constantemente lembrados disso, pois não são brancos. O problema é que algumas pessoas também não são lidas socialmente como negras, mas “confundidas” com pessoas brancas. Isso faz com que algumas não consigam se encontrar nem em espaços negros nem em espaços brancos e, quando sofrem racismo, são deslegitimadas, como se não fossem tão negras ao ponto de poder sofrer racismo. Além de um absurdo, isso acaba negando qualquer tipo de identidade para as pessoas negras de pele clara.

O colorismo funciona bem assim: pessoas negras de pele mais clara não são “brancas o suficiente” para terem privilégios nem “negras o suficiente” para serem reconhecidas como tal, enquanto pessoas negras de pele mais escura vão sofrer a exclusão e o racismo escrachados.

Mas, só lembrando que: pele mais clara ou mais escura, todas são pessoas negras e todas sofrem racismo, essa luta é de todas elas!

PADRÃO ESTÉTICO



Foi na década de 1960 que **Malcolm X** fez o discurso que ficaria conhecido como um dos mais importantes sobre o empoderamento negro. Em cima de um palanque, em frente a várias famílias negras e durante a segregação nos EUA, Malcolm os fez refletir sobre o ódio que os negros têm de si mesmos, de seus cabelos, sua cor, seu nariz, sua boca, sua cultura, afinal: “Quem te ensinou a odiar você mesmo da cabeça aos pés?”

A gente sabe que pra tudo existe um padrão e quando a gente fala de beleza, existem vários. O problema é que a maioria dos padrões de beleza da nossa sociedade são brancos. O cabelo é liso, o nariz é fino e a pele é clara. Existem, no mercado, vários produtos e cirurgias que visam “embranquecer” a aparência, mesmo que isso não seja consciente. Ao mesmo tempo que existe um mercado de embranquecimento, o mercado de beleza para a população negra é muito fraco.

A maquiagem, por exemplo, que faz parte da vida de muitas mulheres, não é para todas. Você já reparou como existem poucas opções de maquiagem adequadas para pele negra? Quando a gente fala de pele retinta, então, menos ainda. A mulher negra não é considerada consumidora ou mesmo merecedora do mercado de beleza e isso é muito problemático. Hoje em dia vem crescendo o mercado de maquiagens para pele negra, liderado pelas próprias mulheres negras. Mas, mesmo com alguns avanços, a beleza segue sendo considerada uma coisa branca!

Tá, mas

...

por que isso acontece?

Vamos rebobinar e voltar pra um pouco depois da abolição da escravidão. O discurso sobre a população negra era de que “a sua raça é burra, desonesta, preguiçosa, suja, fedorenta, nojenta, feia e isso é cientificamente comprovado!” Esse discurso não morreu nesse período e segue sendo perpetuado mesmo que de forma mascarada. Não é difícil entender “quem te ensinou a odiar você mesmo da cabeça aos pés” nesse contexto, não é mesmo?

Além de construir um padrão de beleza branco, a sociedade ocidental fez com que as pessoas negras se odiassem a sua vida inteira. Durante muito tempo o cabelo alisado foi obrigatório! É só agora que se começou a falar em cabelo crespo, fazer produtos pra cabelo crespo e colocar o crespo na mídia. Mas como é o processo de voltar a ter cachos?

Você já ouviu o termo transição capilar? É quando uma pessoa negra para de fazer procedimentos e químicas de alisamento e começa a deixar seu cacho voltar ao estado natural. É um processo demorado, já que o cacho demora para voltar ao normal, deixando os fios mais saudáveis e menos quebradiços. É mais do que uma escolha estética, voltar aos cachos é aceitação. Negar a ditadura do cabelo liso é ir contra toda uma sociedade que impõe o liso como padrão de beleza e coloca o crespo como algo feio e sujo.

Você, pessoa negra que alisa o cabelo, se você está feliz com seus cabelos alisados, siga feliz, mas se estiver pensando em trocar o “liso perfeito” pelos “cachos volumosos”, não tenha medo de voltar ao crespo. Se isso for o que você quer fazer, vá com tudo. Seja para deixar os cachos livres, fazer dreads ou tranças, o cabelo liso não é a única forma de ter um cabelo bonito. Você pode negar essa cultura racista e se sentir a pessoa mais bonita do mundo com seu cabelo crespo. Não deixe um padrão branco fazer você se odiar!

PROCESSOS DE EMBRANQUECIMENTO



Inúmeras técnicas de alisamento capilar, clareamento da pele, diminuição labial e cirurgias de rinoplastia são só alguns exemplos práticos de maneiras de embranquecimento da população negra. Tornar as pessoas menos negras foi e ainda é um objetivo da nossa sociedade, mesmo que disfarçado, porque ninguém utiliza alguma dessas técnicas para, conscientemente, parecer mais branco.

Os processos de embranquecimento da população começaram no período da escravidão com as violências sexuais, sofridas pelas mulheres negras, dos senhores de engenho. Sabe as propagandas que mostram o Brasil como um paraíso miscigenado e multicultural? Pois é, o que não te contam é que a miscigenação foi fruto de inúmeros estupros.

Hoje em dia existem outros mecanismos de embranquecimento da família. A preferência por parceiras/os brancas/os é um exemplo disso. Não estamos dizendo que um **relacionamento interracial** seja algo errado, mas quando a maioria das parceiras de um homem negro são mulheres brancas, temos um problema. É lógico que a culpa não é do homem negro! Ele apenas está reproduzindo um racismo enraizado, o que não deixa de ser um problema, mas o homem negro está longe de ser o culpado. Tratar o companheiro branco como ascensão social ou desejar ter um filho mais claro para que ele não sofra todo o racismo que você sofreu, são duas das possíveis explicações para isso.

No Brasil, além de ser uma questão social, branquear a população também já foi um projeto político. O Império brasileiro adotou por muitos anos uma política de ofertar terras e emprego para imigrantes europeus visando aumentar a população de brancos e embranquecer a população negra através da miscigenação!

Pare pra pensar sobre algumas coisas: as pessoas que você acha bonitas ou se sente atraído são na maioria brancas? Você também considera crianças negras anjinhos perfeitos ou princesinhas (as pretinhas, não as de olho azul)? As suas paixões foram pessoas negras ou brancas?

Pensar assim não é 100% culpa sua, afinal, todos nós crescemos em uma sociedade racista. O que não quer dizer que seja 0% culpa sua! A branquitude precisa (urgentemente) reconhecer o seu próprio racismo e o seu papel nas opressões que pessoas negras sofrem. Mas tá mais que na hora de largar esses preconceitos e começar a perceber que pessoas negras são bonitas, válidas e diferentes de você, o que não é algo ruim! A população negra não precisa ser embranquecida, precisa ser reconhecida!

HIPERSEXUALIZAÇÃO DO CORPO NEGRO



Você já ouviu a expressão “da cor do pecado”? Ou “mulata exportação”? E sobre o homem negro superdotado?

Se você não conseguiu fazer o link, a gente te ajuda: isso tudo são formas de comparar pessoas negras com animais! Animais fazem sexo de modo inconsciente, excessivo e selvagem. É isso que a gente chama de hiperssexualização do corpo negro. Pareceu algo positivo pra você?

Os estereótipos em relação à sexualidade das pessoas negras transformam elas em fetiche. As pessoas negras são tidas como as potenciais melhores transas da sua vida, mas só isso. São pessoas pra transar casualmente, não para ter um relacionamento ou constituir uma família.

A mídia vende a imagem das mulheres negras com seios e bundas grandes e não é muito difícil perceber isso, é só lembrar dos comerciais de cervejas de uns anos atrás! Isso interfere muito nas relações amorosas das pessoas negras,

já que elas se tornam apenas uma opção para o sexo.

Como em tudo na nossa sociedade, as mulheres negras sofrem bem mais as consequências da hipersexualização, da objetificação e do padrão estético branco. Tudo isso junto faz com que as mulheres negras não sejam desejadas para relacionamentos amorosos. Nega a elas o direito ao amor e isso já vem de muito tempo.

Não faz muita diferença se falarmos em relações heterossexuais ou lésbicas, as mulheres negras sempre são as últimas a serem escolhidas. Aprendem a viver a solidão, aprendem a lidar com o fato de estarem sozinhas e se acostumam com o fato de serem trocadas por mulheres brancas. Isso porque existe uma cultura racista onde mulheres brancas são “mais bonitas” e “mais respeitáveis” que mulheres negras, que servem apenas para relações sexuais.

As mulheres negras muitas vezes não são assumidas. Seus relacionamentos amorosos acontecem escondidos, sem o conhecimento dos amigos e da família do parceiro. Mesmo que isso também aconteça com alguns homens negros, é inegável que a proporção de mulheres sozinhas é muito maior.

Tá na hora de parar de considerar as mulheres negras como segunda opção e de começar a assumir os relacionamentos com elas. São pessoas tão bonitas, inteligentes e amorosas quanto pessoas brancas, mesmo que a sociedade insista em afirmar o contrário! Elas não merecem passar a vida inteira sendo trocadas por pessoas brancas.

A solidão da mulher negra faz com que elas se contentem com migalhas, se agarrando em qualquer tipo de relacionamento e isso é culpa da branquitude racista! São as que mais se sujeitam a manter um relacionamento abusivo porque “quem mais, além dele, vai lhe querer”? Isso se reflete em algumas estatísticas como as de que as mulheres negras são as que menos casam e as de feminicídio, que apontam que mulheres negras morrem mais do que mulheres brancas por sustentarem relacionamentos violentos.

ESTEREÓTIPOS NAS MÍDIAS

Você já reparou em como as mulheres negras costumam ser retratadas em filmes, séries, novelas e na mídia em geral? Geralmente elas são personagens secundárias, isso quando não fazem uma personagem estereotipada e caricata.

Depois que passou a onda do **blackface** e atrizes negras começaram a ser contratadas, a mídia conseguiu encontrar maneiras de representar essas mulheres que reforçam estereótipos racistas da nossa sociedade. Como isso é maquiado e disfarçado, a gente vai te mostrar alguns estereótipos de mulher negra que aparecem na mídia e que são problemáticos



A gente não precisa te explicar porque uma personagem negra caricata é algo ruim, né? Bom senso.

nunca na sua vida faça blackface! Sempre vai ser racista e sem noção!

A MÃE PRETA

Você consegue lembrar de ter visto alguma mulher preta, geralmente gorda e mais velha, que trabalha como empregada doméstica, cozinheira e cuida dos filhos da família branca? Essa é a mãe preta! Ela tá sempre lá pra dar colo e conforto para as crianças, um conselho pra patroa ou um prato maravilhoso pra alegrar o dia do patrão. Sempre de bom humor e acolhedora, o pessoal adora dizer que é como se ela fosse da família.

Mas qual o problema da mãe preta? O problema é que a mãe preta nunca tem história. Ela não tem sonhos, planos ou até mesmo uma vida fora a vida de servir os brancos. Ela é mostrada como feliz e conformada com o fato de passar a vida inteira servindo. É isso que acontece com várias mulheres que trabalham como mães pretas na vida real e engolem toda a opressão que sofrem. É um estereótipo que diz “vocês foram feitas para servir e deveriam ser felizes com isso”.

A NEGRA BARRAQUEIRA

A cabeça girando, o indicador pra cima e aquela cara de “Hell No!”, a negra barraqueira é muito comum em filmes e séries. Tá sempre pronta pra uma briga, fala com um tom de voz alto e provocante, não leva desaforo pra casa e tem um repertório enorme de maneiras de xingar alguém. Muitas pessoas acham que ela é representada como uma mulher empoderada, mas não é bem assim.

A negra barraqueira surge da fusão de dois preconceitos: o racismo e o sexismo. Quando as mulheres negras começaram a ter voz ativa no movimento feminista e criaram o feminismo negro, elas realmente rodaram a baiana e com razão. Para deslegitimar a palavra de uma mulher, os homens têm várias maneiras e, para deslegitimar a palavra de pessoas negras, a branquitude também têm várias cartas na manga. Quando a gente fala de mulheres negras, as coisas se juntam e fica tudo muito pior.

É isso que o estereótipo da negra barraqueira faz: coloca a mulher negra como louca, histérica, irracional e impulsiva demais para ter sua palavra levada a sério. É como se as mulheres negras não tivessem o mínimo de autocontrole para falar qualquer coisa relevante. A negra barraqueira não é uma mulher empoderada, é apenas mais uma tática de silenciamento das vozes de mulheres negras, que têm muita coisa pra falar.

A NEGRA FORTE

Sabe aquela mulher negra que é dura, inabalável, sofre com as piores dificuldades da vida, mas segue carregando o mundo nas costas? Uma mãe solteira que sustenta toda a família com dois empregos, uma esposa fiel que trabalha e cuida do marido doente, a mulher corajosa que enfrenta todas as dificuldades que encontra no caminho. Esse é o estereótipo da negra forte.

Por mais que as mulheres negras sejam realmente fortes e capazes de lidar com as dificuldades, representá-las como pessoas capazes de enfrentar tudo sem desmoronar é um grande problema. Pensa com a gente: se mulheres negras são imaginadas como capazes de qualquer coisa, nós não precisamos ter empatia por elas, não precisamos nos comover com seu sofrimento e podemos até questionar suas dores, afinal “elas aguentam”. O estereótipo da negra forte desumaniza as mulheres negras, que perdem o direito de serem frágeis, de não conseguir segurar a barra e de desmoronar, coisa que todo ser humano faz.

Esse estereótipo é tão forte que em hospitais públicos que carecem de medicamentos e anestésias (infelizmente não são poucos) os profissionais de saúde dão preferência por anestésiar mulheres brancas, já que as mulheres negras “aguentam mais as dores”.

A NEGRA SENSUAL

A gente já falou aqui sobre a hipersexualização do corpo negro e de como a mídia tem um papel forte nisso. Uma das formas de hipersexualizar os corpos de mulheres negras é pelo estereótipo da negra sensual, uma mulher fogosa, provocante, irresistível e insaciável. São mulheres negras de pele mais clara, magras e jovens, que conquistam todos os homens que desejarem, mas só pra transar.

Diferente da imagem da mulher branca (bela, recatada e do lar) a mulher negra é vista como incontrollável, impura e promíscua. Isso serve para justificar violências e abusos sexuais contra mulheres negras, que têm três vezes mais chances de serem estupradas no Brasil. E, ainda por cima, serve para culpar essas mulheres disso tudo.



ENCARCERAMENTO EM MASSA



É difícil achar um lugar no Brasil onde as pessoas não sintam medo quando andam na rua. A violência é um grande problema no nosso país e, quando você tem seu celular roubado na esquina de casa, deve ser automático pensar “eu quero ver esse cara preso”.

O Brasil possui a terceira maior população carcerária do mundo e ela aumenta, em média, 7% a cada ano. Apesar disso, a gente não consegue perceber alguma melhora na situação das cidades, muito pelo contrário. Mas se prender as pessoas não tá resolvendo nada, porque as cadeias estão tão cheias?

Primeiro vamos entender quem são os presos no Brasil, hoje.

A maioria são homens. Na verdade, são garotos: a faixa etária de 30% dos presos é de 18 a 24 anos. A maioria não completou o ensino fundamental e 64% são negros. As prisões brasileiras, hoje, estão superlotadas com a juventude negra de periferia, que não teve acesso à educação e saúde. Agora olha que coisa louca: 40% dos presos no Brasil não passaram por nenhum julgamento! Isso mesmo, quase metade da galera que tá presa, tá presa injustamente, porque nem se investigou se eles realmente cometeram os crimes pelos quais foram presos!

As pessoas que estão na cadeia são exatamente as pessoas que a sociedade quer ver na cadeia, ou melhor, não quer ver nas ruas da cidade. A imagem do bandido pobre, negro, jovem, que nasceu na favela, rouba ou trafica e é o grande culpado pela violência no país vem desde a escravidão, quando os negros escravizados roubavam as plantações por estarem passando fome. Na pós-abolição, quando foram marginalizados, ficaram sem emprego, nem

moradia, os negros se viram novamente na necessidade de roubar para sobreviver.

A criminalização da população negra é um projeto secular da sociedade branca brasileira e tudo ficou pior quando o mercado das drogas ilícitas estourou no Brasil. Escolheu-se colocar a culpa do tráfico de drogas na periferia, na favela e no preto que foi pego com 5 gramas de maconha ao invés de culpar o político branco que importa 450 quilos de pasta base de cocaína em um helicóptero, ou leva 39 quilos da droga para a Espanha no avião presidencial.

A política de guerra às drogas só serve para prender e exterminar a população negra da periferia. Além de não reduzir o tráfico e a violência, traz altos custos: em dinheiro e em vidas.

Pare pra pensar em quem você considera bandido. Se a primeira pessoa que vem na sua cabeça quando você escuta essa palavra é uma pessoa negra, você é racista e precisa admitir isso para desconstruir seu preconceito.



INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Você pode até achar que sofre intolerância religiosa enquanto cristão, mas deixa a gente te contar: você está bem enganado.

As religiões de matriz africana são o maior alvo da intolerância religiosa no Brasil. Ela acontece de várias formas, desde o desrespeito às entidades, a demonização dos ritos, a generalização de todas as religiões (e são várias) como “macumba” até o ataque e a destruição de terreiros por todo o Brasil.

Agora me diz: você conhece alguma igreja evangélica que tenha sido invadida e queimada? Ou algum caso do pessoal do candomblé jogando pedra em imagens de santos católicos? Não, né.

As religiões de matriz africana são muito mais do que apenas uma crença. São a resistência de culturas que foram arrancadas das origens, das etnias africanas, principalmente, Iorubá, Fon e Bantu, das comidas africanas. São pilares de força e esperança para um povo que sofreu por séculos e é mais do que a sua obrigação respeitar!



ONDE VOCÊ ESCONDE SEU RACISMO?

3

**NÃO ENTENDEU? A
GENTE DESENHA**

Porque argumentos com dados ficam mais fortes

Homicídio de negros

40,2%

DOS HOMICÍDIOS

foram contra homens pretos em 2016

- * Em 2016 a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior a de não negros (16,0% contra 40,2%).
- * Entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%. No mesmo período, a taxa entre os não negros teve uma redução de 6,8%.

(Fonte: IPEA, 2018)

Homicídio de negras

5,3%

DOS HOMICÍDIOS

foram contra mulheres pretas em 2016

- * Em 2016 a taxa de homicídios entre mulheres negras foi 71% superior a de não negras.
- * Entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios para cada 100 mil mulheres negras aumentou 15,4%, enquanto que entre as não negras houve queda de 8%.

(Fonte: IPEA, 2018)

Vulnerabilidade Juvenil à Violência:

- * O ano de 2015 demonstrou que o risco de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é **2,7 vezes maior** que o de um jovem branco.

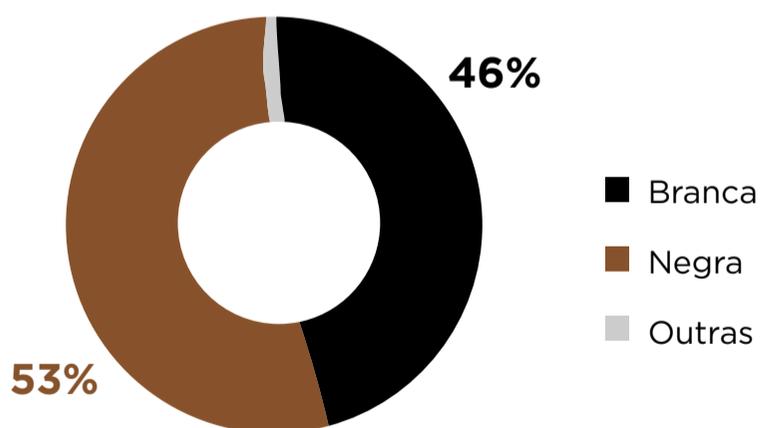
Estupros:

- * Entre os anos de 2011 e 2014 os casos de estupros de pessoas brancas caiu 3,4% enquanto houve um **crescimento de 4,5%** de vítimas que se identificam como pessoas pardas.

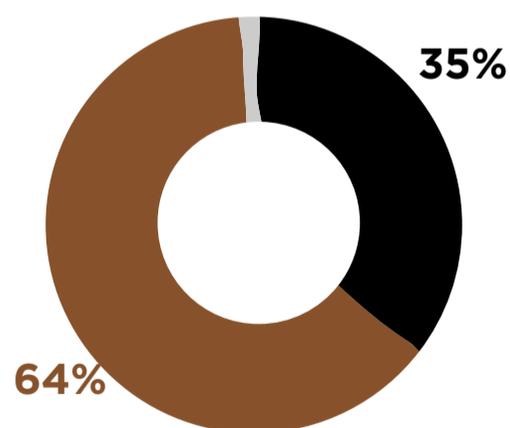
(Fonte: IPEA, 2018)

Encarceramento:

População Total



Sistema Prisional



A informação sobre a raça, cor ou etnia da população prisional estava disponível para 493.145 pessoas (ou 72% da população prisional total).

(Fonte: SANTOS, 2017)

ONDE VOCÊ ESCONDE SEU RACISMO?

4

CAÔ X FATO

É cada coisa, viu?!

COISAS QUE NÃO DEVEM SER FALADAS SOBRE O RACISMO:

O maior racista é o próprio negro

Pessoas negras não são racistas! Elas são as vítimas! O que acontece é que, por crescerem em uma sociedade racista, elas podem acabar reproduzindo o preconceito que aprenderam. A reprodução do racismo por pessoas negras se dá em função do auto ódio e da intenção de seguir o grupo opressor que domina a sociedade. Sem contar que essa frase tenta passar a culpa do racismo para os negros. Cara gente branca: a culpa do racismo é de vocês!

Não sou racista, tenho até amigos negros / já namorei pessoas negras

Mesmo partindo do pressuposto de que você teve uma convivência 100% saudável com essas pessoas e não disse nada diretamente racista para elas (o que é bem difícil de acontecer), a gente tem uma notícia pra te dar: você segue sendo racista! Como o racismo é um preconceito estrutural, o simples fato de você existir enquanto pessoa branca já te coloca em um lugar de privilégio na sociedade. Você pode não concordar com essa estrutura, mas segue vivendo nela e usufruindo dos privilégios brancos. Além do que, o racismo é algo naturalizado e enraizado no subconsciente da população, é quase impossível se dar conta de todas as vezes em que você foi racista e andar com pessoas negras não é garantia de que você não vai reproduzir discriminação racial. Cara gente branca: pessoas negras não são seus trofeuzinhos de desconstrução!

**Agora a gente não pode mais fazer piada com nada!
Hoje em dia tudo é racismo.**

Desculpa destruir o seu sonho de ser um comediante famoso que corre o mundo fazendo stand-up sem graça, mas a gente precisa te falar: tua piada é racista sim! Aliás, tudo é racista! E isso não é uma das maiores novidades do mundo contemporâneo, não. A partir do momento em que os europeus cometeram o erro rude de levantar da cama, entrar em um navio e sair por aí perambulando atrás da terra alheia, tudo é racista! Se eles tivessem ficado quietos, na deles, nada disso tinha acontecido. Mas eles não ficaram e transformaram as estruturas da nossa sociedade em um bolo com várias camadas de racismo e recheios de machismo, com cobertura de LGBTfobia. Cara gente branca: tudo é racista, sim! Inclusive você! E ninguém vai ficar quieto quando você for racista só pra não ferir o seu ego e não te deixar magoadinho.



ONDE VOCÊ ESCONDE SEU RACISMO?

5

BABADO FORTE

Racismo reverso e suas vítimas: ninguém

Você já ouviu falar em racismo reverso? É o racismo de pessoas negras contra pessoas brancas. Muita gente branca afirma já ter sofrido racismo reverso e, junto com a heterofobia e o femismo, ele gera um debate acirrado sobre existir ou não.

Expressões como “branco azedo”, “cheiro de Danone” e “playboy de apartamento” foram relatadas por pessoas brancas que afirmam ter sofrido racismo reverso. Mas afinal, racismo reverso existe ou não? Será que você, pessoa branca, já sofreu racismo reverso e não sabe?

A gente bolou um teste pra saber se você já sofreu racismo reverso. Dá uma olhada nessas frases aqui e vê se você já ouviu isso alguma vez na vida.

“Alguém tira o pandeiro da mão daquele branco! Parece ativista de direita batendo panela: não tem ritmo, nem fundamento.”

“Branco não tem criatividade nenhuma pra fazer música. O pagode branco, por exemplo, é sempre um corno reclamando que levou um pé na bunda por whats.”

“Branco adora gastar vários reais em roupa larga de marca pra parecer ‘de favela’. Esse teu boné sem selo de falsificado não engana ninguém, playboy.”

“Ai branquinho, desiste de tentar sambar... Tá parecendo uma galinha convulsionando!”

“Só branco pra gostar de outros brancos cantando, dançando e atuando sincronizados em um musical. Gente, branco não sabe nem atuar, nem cantar, nem dançar e quer fazer tudo junto na mesma cena!”

“É pegar uma chuva que já fica tudo escorrido, nojento, grudado. Não to falando de cachorro molhado, tô falando de cabelo liso mesmo.”

“Minha pepeka tem mais boca do que branco. Até os pequenos lábios são maiores do que aquela boca negativa.”

Você certamente nunca ouviu coisas assim e deve tá achando isso um absurdo. O que a gente veio te contar hoje pode parecer uma grande novidade, mas, na verdade, choca um total de zero pessoas: racismo reverso não existe! Nenhuma pessoa branca na história foi vítima de uma coisa que simplesmente não existe.

“Ai, mas eu fui excluído de alguns lugares porque eu era branco.” Certamente isso não aconteceu e você só ficou magoado porque pessoas negras fizeram o que não tinham feito antes: levantaram a voz contra você. E elas estão certas! Se você, pessoa branca, quer ajudar a construir uma sociedade menos racista, você precisa parar de falar um pouco para que as pessoas negras possam expor o seu lado da história.

A única maneira de racismo reverso ser alguma coisa real, seria se os negros voltassem no tempo, a África colonizasse a Europa, as pessoas brancas fossem arrancadas de suas origens e se sua cultura fosse destruída e menosprezada por séculos. Como isso não é possível, voltamos a afirmar: racismo reverso não existe! Os únicos racistas nessa história são os brancos.

ONDE VOCÊ ESCONDE SEU RACISMO?

6

**PRA NÃO DAR
CLOSE ERRADO**

Pra quem quer saber a hora de parar: agora

O que a gente fala diz muito sobre o que a gente pensa. Mesmo que não seja de forma consciente, a gente reproduz muitas coisas quando utilizamos algumas expressões. Muita gente (branca) diz que isso é “mimimi”, mas a língua portuguesa, no Brasil, é recheada de expressões que reproduzem racismo das mais variadas formas.

Pode ficar tranquilo, a culpa não é sua de não saber que as coisas são racistas, afinal, elas são naturalizadas. Então, pra dar uma ajuda, vamos te mostrar algumas expressões que são racistas e que você pode retirar do seu vocabulário. Mas vê bem, hein: depois de saber que essas coisas são racistas, a culpa vai, sim, ser sua de reproduzir elas com a consciência do que está fazendo!

Vamo lá, sem pressão!



MULATO/MULATA:

Pra entender porque esse termo é racista, pensa em um cavalo, aquele animal majestoso, forte e bonito e em um jegue, aquele animal mirradinho que é usado, principalmente, como animal de carga. Quando você cruza um cavalo com um jegue, nasce uma mula, um híbrido dos dois animais. Conseguiu perceber? Não chame as pessoas negras de pele mais clara de “mulatos”, porque é essa a associação que está sendo feita. Pessoas negras de pele mais clara são exatamente isso: negras!



MORENO/MORENA:

Essa expressão geralmente é usada para “aliviar” o fato da pessoa ser negra, como se usar a palavra “negro” fosse ser ofensivo. Mas relaxa, gente, pessoas negras são negras mesmo!



DENEGRIR:

Em um sentido literal, denegrir significa “tornar negro”. Em uma sociedade racista, tornar negro é inferiorizar alguém! Então sim, isso é um termo racista e você pode trocar essa palavra por “difamar” sem alterar o sentido da frase e sem ser racista!



LINCHAMENTO:

William Lynch foi um racista norte-americano responsável pela criação de boa parte das leis segregacionistas nos Estados Unidos. A palavra linchamento vem do seu nome e diz respeito ao ato de várias pessoas se juntarem para “fazer justiça com as próprias mãos”, espancando alguém em um lugar público. Por coincidência (ou planejamento) a maioria dos casos de linchamentos no Brasil tiveram como vítimas pessoas negras.



SERVIÇO DE PRETO:

Essa daí fica difícil de defender, galera! Não existe serviço de preto! O que existe é uma sociedade racista que empurra o trabalho braçal pra cima dos negros!



DA COR DO PECADO:

O único pecado aqui é sexualizar o corpo negro como máquinas insaciáveis de sexo. Pessoas negras são mais do que isso.



NÃO SOU TUAS NEGAS:

Mulheres negras não são de ninguém! A expressão faz referência a mulheres “promíscuas” e “sem moral”, isso porque na época da escravidão as mulheres negras não tinham autonomia nenhuma, nem para reagir aos estupros. Elas eram usadas pelos homens brancos que faziam com elas o que não era permitido fazer com mulheres “respeitáveis”.



MERCADO NEGRO/ LISTA NEGRA/ OVELHA NEGRA/ A COISA TÁ PRETA/ INVEJA BRANCA:

Todas essas expressões seguem a mesma lógica: o negro é uma coisa ruim, um mau agouro ou algo ofensivo enquanto o branco é exatamente o oposto. Não é uma questão de estudo de cores ou de yin e yang, mas sim da construção de uma cultura racista!

ONDE VOCÊ ESCONDE SEU RACISMO?

7

PRA COLAR NA
PROVA

Pode anotar pra não esquecer!

- * **Blackface-** O blackface é quando pessoas brancas “se fantasiam” de pessoas negras, pintando a pele com maquiagem. Começou com o teatro americano, quando humoristas brancos usavam o blackface para personagens caricatos e estereotipados. Blackface não é engraçado e pessoas negras não são piada. Não importa se você estiver em um palco de teatro ou se fantasiando pro carnaval, o blackface é racista, ofensivo, sem graça e sem noção.
- * **Fenótipo-** características observáveis ou caracteres de um organismo ou população, como: morfologia, desenvolvimento, propriedades bioquímicas ou fisiológicas e comportamento.
- * **Injúria racial-** consiste em ofender a honra de alguém valendo-se de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem, tendo como alvo um único indivíduo. As penas estão previstas no artigo 140, § 3, do Código Penal, podendo levar a reclusão de um a três anos e multa.
- * **Malcolm X-** Foi um dos mais importantes militantes americanos na luta contra o racismo nas décadas de 50 e 60. Sua estratégia radical, que desacreditava na igualdade racial e na integração à sociedade branca, se opunha ao movimento pelos direitos civis dos negros, liderado por militantes moderados, como Martin Luther King.
- * **Relacionamento interracial-** relacionamento amoroso e/ou sexual com pessoas de etnias diferentes.



ONDE VOCÊ ESCONDE SEU RACISMO?

8

**PRA STALKEAR
GERAL**

Tá cansado do feed de sempre? Atualiza!

FILMES

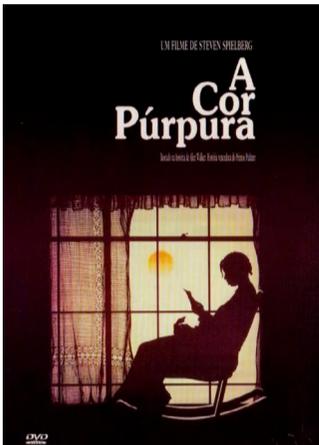


A cor púrpura

1985

Direção: Steven Spielberg

Sinopse: Em uma pequena cidade Celie, uma jovem de 14 anos que foi violentada pelo pai, se torna mãe de duas crianças. Celie imediatamente é separada dos filhos e da única pessoa no mundo que a ama, sua irmã, e é doada a “Mister” seu companheiro que a trata como escrava. Celie fica muito solitária e compartilha sua tristeza em cartas, primeiramente com Deus e depois com a irmã Nettie missionária na África.

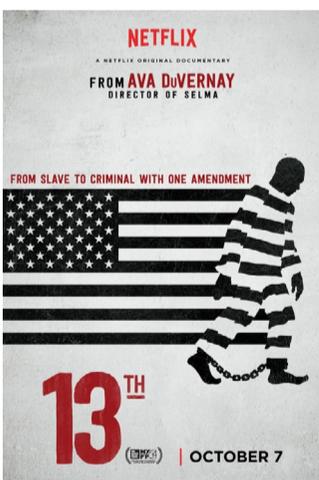


A 13ª Emenda

2012

Direção: Ava DuVernay

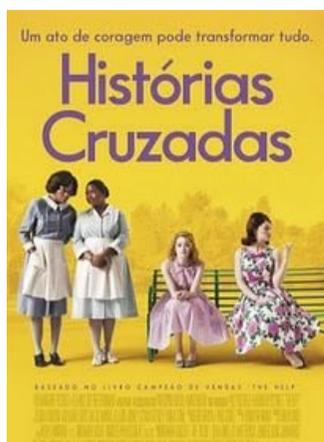
Sinopse: Documentário que discute a décima terceira emenda à Constituição dos Estados Unidos - “Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito a sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado” - e seu terrível impacto na vida dos afro-americanos.



Histórias cruzadas

2012

Direção: Tate Taylor



Sinopse: Histórias Cruzadas se passa em Jackson, nos anos 60. Skeeter é uma garota que está determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen, a empregada da melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista, o que desagrade a sociedade como um todo. Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões.

Estrelas além do tempo

2017

Direção: Theodore Melfi



Sinopse: Em plena Guerra Fria, um grupo de funcionárias negras da NASA é obrigada a trabalhar a parte, no auge da cisão racial nos Estados Unidos. Lá, Katherine, Dorothy e Mary provam sua competência dia após dia, lidando com o preconceito para conseguirem ascender na hierarquia da NASA.

SÉRIES

Cara gente branca

2017

Direção: Justin Simien

Sinopse: As mais refinadas faculdades americanas podem representar uma enorme carga de estresse para seus alunos. Tensões sociais, a pressão acadêmica e o medo que vem com a chegada da idade adulta podem ser aterrorizantes. Pior que isso, só se você for um afro-americano, tendo que lidar com os alunos majoritariamente brancos e os estigmas associados a você pela sociedade.



Olhos que condenam

2019

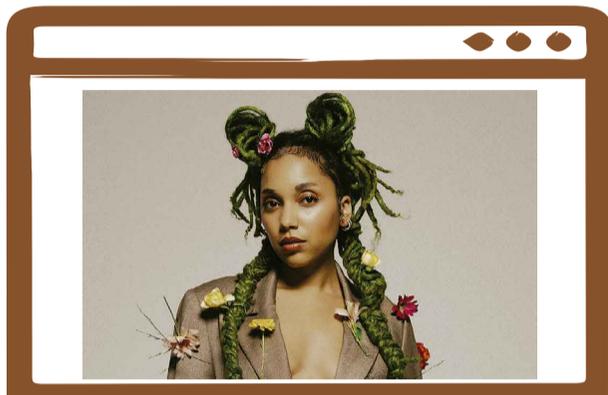
Direção: Ava DuVernay

Sinopse: Cinco jovens negros do Harlem foram injustamente acusados de estuprarem uma mulher no Central Park.

Eles só foram inocentados em 2014, depois que evidências de DNA comprovaram que o grupo não estava conectado ao brutal crime contra Trisha Meili.

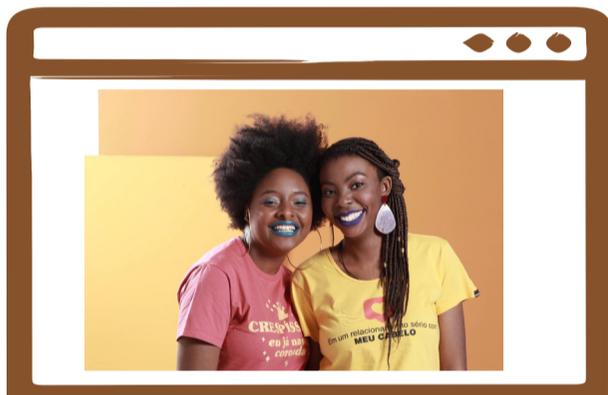


VÍDEOS



AFROS E AFINS

<https://www.youtube.com/watch?v=xOsPfEL7iAg>



Papo de Preta

https://www.youtube.com/watch?v=_ExHUSf5m_w



Soul Vaidosa

https://www.youtube.com/watch?v=JQAg-LT_K_8



Nossa voz ecoa

<https://www.youtube.com/watch?v=CPqgKNiPRIA>

ONDE VOCÊ ESCONDE SEU RACISMO?

9

**NÃO PEGOU A
REFERÊNCIA?**

Em ABNT fica tudo tão organizadinho!

BECHARA, Márcia. **“Feminismo negro não exclui, amplia”**: Djamila Ribeiro debate ativismos a convite da França. 2019 [online]. Disponível em: <<http://br.rfi.fr/franca/20190315-feminismo-negro-nao-exclui-amplia-djamila-ribeiro-debate-ativismos-convite-da-franca>> Acesso em: 19 mar 2019

BUENO, Winnie. **A quem serve o mito da agressividade da mulher negra**. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@winniebueno/a-quem-serve-o-mito-da-agressividade-da-mulher-negra-da59ef1fcb89>> Acesso em 21 mai 2019.

CANAL AFRO BRASILEIRO. **Quem Te Ensinou? - Malcolm X (Legendado)**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TIEJJVEaRGk>> Acesso em 18 set 2020.

DEISTER, Jaqueline. **Como a indústria de cosméticos exclui mulheres de pele negra no Brasil**. Grandes marcas ainda não oferecem paletas de cores que atendam à diversidade de peles negras. 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/05/26/como-a-industria-de-cosmeticos-exclui-mulheres-de-pele-negra-no-brasil/>> Acesso em 20 mai 2019

EL PAÍS. **A cocaína que viajava no avião da comitiva de Bolsonaro**. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/02/politica/1562091519_351309.html> Acesso em 18 set 2020.

FREITAS, Conceição. **Negra? Eu?! Demorei mais de 30 anos para aprender a ser preta**. 2019 [online]. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas-blogs/conceicao-freitas/negra-eu-demorei-mais-de-30-anos-para-aprender-a-ser-preta>> Acesso em: 19 mar 2019.

IBGE. **Cor ou Raça**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>> Acesso em 18 set 2020.

IPEA/FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2018**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf> Acesso em 22 mai 2019.

MERELES, Carla. **Brasil e a sua população carcerária**. 2017. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/populacao-carceraria-brasileira-perfil/>> Acesso em 25 mai 2019.

MURO PEQUENO. **Branco demais para ser preto, preto demais para ser branco**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KcFyK-knEko>> Acesso em 24 mai 2019.

PORTAL GELEDÉS. **Grávidas negras e pardas recebem menos anestesia no parto**. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/gravidas-pardas-e-negras-recebem-menos-anestesia-no-parto/>> Acesso em 18 set 2020.

PRAGMATISMO POLÍTICO. **Caso do helicóptero da cocaína completa 3 anos e ninguém está preso**. 2016. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/11/helicoptero-cocaina-3-anos-ninguem-preso.html>> Acesso em 18 set 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra. ilustração: Mateu Vasconcelo**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

SANTOS, Thandara. **Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN Atualização - Junho de 2016**. Colaboração Marlene Inês da Rosa [et. al.]. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2017. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias-2016/relatorio_2016_22111.pdf> Acesso em 22 mai 2019.

SOUL VAIDOSA. **Teoria do embranquecimento e o colorismo.** 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QKwO9ENv6sY>> Acesso em 22 mai 2019.

SOUSA, Letícia Castor Moura de. **Sobre colorismo, privilégios e identidade racial.** 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sobre-colorismo-privilegios-e-identidade-racial/>> Acesso em 20 mai 2019.

SPARTAKUS SANTIAGO. **O pardo é negro? Colorismo, passabilidade, eugenia: o que é ser negro de pele clara no Brasil.** 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iv5inBkEMK4>> Acesso em 22 mai 2019.

VASCOUTO, Lara. **8 estereótipos de mulheres negras que a mídia precisa parar de usar.** 2017. Disponível em <<http://desacato.info/8-estereotipos-de-mulheres-negras-que-a-midia-precisa-parar-de-usar/>> Acesso em 20 mai 2019.

TODO BLACK É POWER. O que é transição capilar? Descubra aqui. Disponível em: <<https://blog.todoblackepower.com/o-que-e-a-transicao-capilar-descubra-aqui/>> Acesso em 20 mai 2019.

TV Boitempo. Djamila Ribeiro: **Relações interraciais e a solidão da mulher negra.** 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4A>> Acesso em 20 mai 2019.



SOBRE AS AUTORAS

RENATA PORCELLIS



É gaúcha, mora desde a infância na cidade de Pelotas. Formada em artes visuais pela UFPel, especialista e mestre em educação pelo IFSul. Mãe da Samar e da Clara, duas meninas, uma trans e outra ainda uma bebê. Atualmente trabalha no Núcleo de gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) do IFSul campus Pelotas.



KAI KRAUSE

Nascido e crescido em Pelotas. Formou-se técnico em Química pelo IFSUL - Campus Pelotas e, até hoje, não sabe porque fez isso. Estudante de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas, futura bicha professora que busca educar para a diferença. Ainda tentando entender o que faz na Filosofia... Detesta escrever sobre si mesmo na terceira pessoa.

Este livro digital foi escrito e
produzido entre
2018-2024.

Utilizou as fontes da família
Gotham, Black Rider e MV Boli.